

## **Luiz Braga, retumbante natureza humanizada**

Museu do Estado Pará, Belém (PA), 10 set.-17 nov. 2016

Curadoria: Diógenes Moura

### **Joaquim Netto**

Com 117 imagens exibidas nas diversas salas do Museu do Estado do Pará (MEP), Luiz Braga apresentou alguns momentos expressivos dos 40 anos de sua produção. Retumbante natureza humanizada, exposição com curadoria de Diógenes Moura, mostrou fotografias realizadas entre 1974 e 2014 – além de jornais, catálogos, câmeras, vídeos e outros documentos que constroem reflexões sobre questões particulares e universais da visualidade amazônica.

A chegada do visitante à exposição é marcada pela presença do retrato de um “banhista amazônico”, na parede lateral direita, cuja imagem ecoa significativo diálogo com pinturas emblemáticas da história da arte. A sutileza da cena retratada, entre os textos de parede, prepara a atmosfera da emoção do olhar – num percurso visual oferecido pelas diversas fotografias.

Ao percorrer as salas que compõem a mostra, percebemos que o objetivo não foi construir uma cronologia dos principais momentos do trabalho desse fotógrafo, mas proporcionar ao espectador a emoção que ecoa do experimentalismo de Braga – ora no preto e branco ou colorido, ora com o *nightvision* –, manobra poética presente nos diversos retratos e cenas, que vai além da ideia de representação de uma identidade amazônica e atinge a expressividade da imagem universal.

O real é insuficiente para Luiz Braga. Seu olhar experimenta a realidade e articula as diversas possibilidades de emoção que repercutem desse contato

com seus personagens integrados, emocionalmente, ao lugar. O sublime e o lirismo habitam o mesmo território. Racional e emocional, a “natureza humanizada” retumba os afetos e os sentimentos das andanças do fotógrafo e do dia a dia de seus fotografados. A empatia construída na relação com as pessoas que retratou é algo encantador nas imagens de Retumbante natureza humanizada.

Numa visita mediada à exposição, Luiz Braga comentou com os visitantes: “Sempre fui uma pessoa muito de andar pela cidade e observar; o meu trabalho é fruto dessa observação e tem tanto a cidade e o centro histórico quanto a paisagem ribeirinha. Eu tenho chamego pela cidade cabocla, enxergo nesse cenário muita sabedoria, que não depende de cânones europeus e vem da vivência do caboclo. Cedo aprendi a valorizar isso, o caboclo, a caboquice, que não é juízo de valor, mas o que nos diferencia do resto do mundo globalizado. Enxerguei isso muito tempo atrás, nos anos 80”.

Os 117 trabalhos trazem os três momentos admiráveis de sua produção: a fotografia em preto e branco, a colorida e a *nightvision*. Na primeira, o homem amazônico é o centro de valorização das imagens. Fotos que possuem um acento mais comovente. São verdadeiros arautos de uma beleza que valoriza o habitante e sua região. Cada fotografia é um poema visual repleto de dignidade, onde a fisionomia amazônica é o “mote” dessa produção autoral. Não se trata apenas do registro de uma cena do dia a dia do lugar, mas também, dos outros sentidos que aquelas imagens trazem, tanto na fotografia quanto na originalidade do olhar do fotógrafo.

Os ensaios coloridos marcam com mais ênfase a produção de Braga a partir de 1984, quando sua pesquisa se volta para as cores puras e simples da ambiência ribeirinha da cidade de Belém – o cenário



Retumbante Natureza Humanizada (set.-nov. 2016) Sala Histórica. Museu do Estado do Pará (MEP/ Belém) Fotos: Acervo do fotógrafo

colorido da periferia paraense – visualidade peculiar que, certamente, poucos conseguiram valorizar, naquele momento. Ensaios coloridos que remetem, por um lado, à reflexão acerca da dinâmica da expressão popular em confronto com elementos historicamente modificadores; por outro, sinalizam a superação de uma perspectiva meramente documental, propondo uma visão que nos convida a estabelecer outra relação com cenário cotidiano.

As fotografias com *nightvision* foram expostas numa sala especial: a Capela do Museu (MEP). Aquele espaço ritualístico acolheu o momento em que o fotógrafo atinge o ápice do aspecto ficcional de sua produção. Assim, a lógica formal de suas imagens passa a atender, além das fotografias em preto e branco e coloridas, outras com características da tecnologia digital.

As *nightvisions* de Luiz Braga fazem um caminho de mão dupla: capturam o real e dele se afastam

– desestabilizam a linha de raciocínio da fotografia como documento fiel. Braga não vê esses lugares de forma passiva, mas os pensa e a eles reage de maneira imprevisível. Suas andanças constituem-se num empreendimento de aprendizagem dos códigos visuais. Tornam-se metáforas vivas – um trabalho de construção de outros sentidos a partir das imagens da cultura amazônica.

Enfim, o passeio pelas salas que abrigaram Retumbante natureza humanizada demonstrou que a conjugação dos personagens com o ambiente, não raramente, se tornara um laboratório de experimentação para o fotógrafo. Um caminho para buscar a possibilidade de recriar cada momento como se estivesse se formando diante do observador. Luiz Braga ao explorar o método fotográfico, experimenta os sentimentos que residem naquelas pessoas e na natureza, buscando na subjacência da cena amazônica um aspecto sensual que traz uma saborosa alquimia festiva – Apolo e Dionísio estão presentes naquelas imagens.